

Antropopoiese

Giovanni Baruffa*

*Description de l' homme
Dépendence, désir d' independence, besoins.
Pascal, Pensées, 78.*

Resumo: O homem nasce incompleto biológica e socialmente. Torna-se, então, necessário construí-lo realizando a Antropopoiese. A construção, demorada, é sujeita a falhas, particularmente quando são exagerados certos aspectos biológicos ou culturais próprios de um grupo e são condenados ou ironizados os mesmos de outros grupos. Origina-se, assim, aquela deformação cultural conhecida como Etnocentrismo, premissa para a incompreensão e hostilidade entre os grupos. Derivam disso, guerras, incompreensão, hostilidade, que sempre acompanharam o caminho da história. A espécie humana é única. As diferenças entre os grupos humanos seja de ordem biológico, como culturais, são meros detalhes. Na construção do homem é necessário enfatizar o que é comum aos grupos nas relações com o ambiente físico, com os outros homens, com o desconhecido. Dessa ênfase, nasce a compreensão e são eliminados os fatores de agressividade.

Palavras-chave: antropopoiese; modas antropopoiéticas; etnocentrismo; universais da cultura.

Literalmente o termo significa construção do homem. Por que construir o homem? Porque o homem não nasce 'homem' Torna-se homem mediante o processo de socialização cultural. O homem é um ser incompleto também de um ponto de vista biológico. Faltam-lhe aqueles condicionamentos que regem o comportamento dos animais por meio dos quais as ações e reações são previsíveis. Condicionamentos que chamamos de instintos e que, na espécie humana não são determinantes do comportamento como nos animais. Por isso, a natureza humana, sem o aporte cultural não teria condições de enfrentar com sucesso os desafios ambientais, a luta pela existência e a convivência com os outros homens. O homem tem que aprender a ser homem e isso explica o longo processo de amadurecimento físico e social. O homem, então, é fundamental-

* Professor Emérito da Universidade Católica de Pelotas –UCPEL/RS.
Professor Emérito da Fundação Universidade de Rio Grande –FURG /RS.

mente um animal cultural, ao mesmo tempo produto e produtor de cultura.

As diferentes formas de cultura e civilização, elaboradas no decurso da história, tiveram todas a mesma função: construir o homem.

A construção deu origem a formas diferentes de humanidade, todas elas, porém, em grau de permitir a inserção do homem num ambiente físico e social cujas variações encontraram respostas adequadas em virtude da elaboração de padrões culturais perfeitamente adaptados. Não só, mas a humanidade pode construir formas culturais diferentes num mesmo contexto ecológico e num mesmo contexto social. Tomemos como exemplo as formas de cultura material e de organização social diferentes entre si, mas coexistentes num ambiente florestal ou de savana e num ambiente urbano.

Quanto mais elaborada for a tentativa de construção cultural humana, tanto mais freqüentes são os fracassos aos quais ela anda sujeita dando origem ao chamado “mal-estar” da civilização, bem ilustrado por FREUD, mal-estar presente em todas as culturas em formas mais ou menos acentuadas. Daí que todo sistema cultural é fundamentalmente incompleto frente às necessidades e aspirações das diferentes sociedades ou dos componentes de uma mesma sociedade humana, empurrando-as a experimentar novas formas e novas possibilidades de construção social. Desse contexto, nasce a marginalidade que denuncia a fragilidade da formação cultural, freqüentemente insuficiente ou incompleta e os anseios de mudança.

Quanto mais elaborada a construção cultural de um grupo humano, tanto mais frágil ela se revela, seja em nível do grupo, seja em nível individual. Podemos tomar como exemplo a constituição da ‘masculinidade’ objeto de cuidados mais intensos e mais elaborados em muitas sociedades. Apesar de todos os esforços, a masculinidade apresenta-se, às vezes, precária, inadequada aos padrões cultivados no grupo, dando origem aos ‘rubbish men’, homens-lixo, verdadeira antítese do ‘macho’.

Os rituais de iniciação, pelos quais o adolescente vai se tornando homem, são os pilares dessa elaboração. São eles que permitem a passagem gradual e, não raramente dolorosa, da adolescência ao estado adulto. Esses rituais entram no contexto dos ‘ritos de passagem’ estudados por VAN GENNEP. Trata-se, no fundo, de ‘rituais antropopoiéticos’ que acompanham a existência humana do nascimento até a última e derradeira passagem, a morte. Sua função é ‘fazer homens’ de acordo com os padrões que a sociedade espera dos seus componentes nas diferentes situações da existência.

A indeterminação biológica masculina é mais acentuada daquela feminina. A cultura deve, então, complementar a natureza. Em todas as culturas, a construção da masculinidade é mais elaborada, complexa, demorada e sofrida com respeito à feminilidade.

A construção social dos grupos humanos envolve uma variedade de situações e comportamentos que são padronizados. Temos, então, um conjunto de intervenções às quais REMOTTI intitulou 'modas antropopoiéticas' que o A. reúne em 14 categorias, mostrando-nos que 'as sociedades humanas recusam aceitar o corpo como ele é' (pg.122). A esta regra não escapa nenhuma sociedade, a nossa ocidental em primeiro lugar.

Temos, assim, vestimenta, máscaras, jóias etc. que, além da função protetora, tem uma função comunicativa e simbólica. Temos a cosmese, que além de cuidar da higiene, procura melhorar o aspecto. O mesmo vale para bronzeadores, protetores solares, depilações, corte de cabelos, etc. Temos o 'body building' com esportes, caminhadas, massagens, academias, etc. Temos as intervenções na conformação esquelética: forma do crânio em culturas tradicionais, alongamento do pescoço nos Masai, deformação dos pés nas chinesas da época imperial, as armaduras torácicas nas européias dos séculos XVIII e XIX; limadura e fissuração ou extração dos dentes em culturas tradicionais africanas e do Extremo Oriente; pratinhos inseridos nos lóbulos auriculares ou nos lábios entre índios e africanos. Temos os 'piercings', hoje comuns entre nós, as tatuagens cruentas, as escarificações no rosto, tronco, membros. Temos cirurgias genitais: circuncisão, clitoristomia com ou sem infibulação, subincisão uretral.

A prática da circuncisão é marco distintivo de grandes religiões: hebraísmo e islamismo, mas é encontrada em culturas africanas, na Nova Guiné, entre os aborígenes australianos, etc. Circuncisão e clitoristomia denotam uma incapacidade de aceitar os genitais assim como foram feitos pela natureza e talvez uma tentativa de eliminar do gênero masculino o que haveria de feminino e do gênero feminino o que poderia lembrar o masculino. As intervenções procurariam então obter uma conformação dos órgãos do sexo construída culturalmente e aceita socialmente .

Com referência aos modismos culturais da nossa sociedade, temos as diferentes intervenções de cirurgia estética que modelam rosto, nariz, olhos, lábios, seios, nádegas, etc, criando uma falsa naturalidade que venha a corresponder aos modelos de beleza aprovados socialmente.

Temos, por fim, o tratamento reservado ao cadáver que obedece a rituais e modas, não mais antropopoiéticas, porque além

do limite da vida, mas que nos dizem que a sociedade não abandona o defunto sem antes tê-lo submetido a um tratamento de acordo com os modismos vigentes. O mesmo vale pelas práticas de canibalismo ritual de muitas culturas de tradição, pela mumificação dos egípcios e o congelamento praticado entre os americanos na esperança de poder descongelar num futuro mais ou menos próximo.

As modas antropopoiéticas nos dizem que, desde sempre, a humanidade tem dificuldade em aceitar-se como ela é e procura construir-se em consonância com os padrões e modismos oriundos das crenças, costumes e tradições característicos de cada época. Todas elas representam, no fundo, uma tentativa de complementamento cultural da própria biologia, que tem sua origem na percepção que o homem é um ser biologicamente incompleto.

A acentuação cultural das diferenças biológicas de gênero demonstra que o gênero só se completa com o encontro com o oposto. O resultado do encontro é a reprodução, cuja função é perpetuar o grupo, com sua forma peculiar de humanidade no tempo e no espaço.

O estudo do homem, Antropologia, define-se “o saber das diferenças” (FABIETTI, pg.3). Em outras palavras, o estudo dos grupos humanos, para comprovar o que tem em comum tanto biológica quanto culturalmente, e o que tem de diferente, é fundamentalmente um estudo de comparação. Além disso, estudando os outros, estudamos melhor nós mesmos. CLYDE KLUCKHOHN intitulou seu livro de Antropologia de “Mirror for Man” o espelho para o homem, espelho que lhe permite dar-se conta e observar a multiplicidade, a variabilidade, as motivações, a história, as transformações das modalidades da construção de sua própria humanidade. Aprofundando o conhecimento de si mesmo, o homem será levado a elaborar uma crítica construtiva ao seu modo de ser “humanidade”, conservando o que existe de positivo e eliminando o que pode prejudicar o relacionamento e a convivência com o “outro”

Temos visto que o homem é um ser biologicamente incompleto e temos focalizado, falando das modas antropopoiéticas, os recursos que vai elaborando na construção de sua peculiar humanidade. Apesar de biologicamente incompleto pela ausência ou relativa fraqueza daquelas pulsões que condicionam o comportamento dos animais, o homem apresenta, todavia, algumas características que lhe são próprias e que, cultivadas e aperfeiçoadas no processo de “hominização” lhe conferem a qualidade de “homem”.

Entre as características que distinguem os humanos e os diferenciam dos outros animais temos:

-a posição ereta, que lhe permite observar o ambiente de frente, de trás, dos lados, de cima e de baixo;

-a coordenação olho-mão, fundamental para qualificá-lo de “faber”;

-a receptividade feminina permanente de grande importância para a construção e a continuidade da família;

-a fetalização, demora da maturidade física e psicológica, demora que representa a base do aprendizado sociocultural;

-a comunicação por meio da palavra que permite ao homem pôr ordem no ambiente físico, biótico, social no qual está inserido e transmitir aos outros e às gerações que irão se suceder os conhecimentos adquiridos no contato com a natureza e os semelhantes.

O homem se adapta à natureza não tanto em virtude de pulsões internas que dão origem a comportamentos geneticamente determinados, os instintos, quanto pela elaboração de uma tecnologia que prescindia dessas e se adapta às características físicas e biológicas dos diferentes habitats.

Nesse processo de adaptação, o homem vai elaborando uma organização social que lhe permite desfrutar ao máximo o que o ambiente oferece, relacionando-se de forma construtiva com os outros. Por fim elabora toda uma série de valores que, em conjunto com as crenças, está na base da compreensão de si, dos outros e do mundo.

Nem sempre o relacionamento com os outros é pacífico, construtivo. Ao contrário, não é raro um relacionamento agressivo, destrutivo, conflituoso: a guerra. Nela, estão envolvidos interesses econômicos, defesa do próprio território, convicção da superioridade racial e/ou cultural do próprio grupo e da inferioridade e falta de humanidade dos outros. Origina-se, assim, o Etnocentrismo, atitude encontrada em todas as sociedades que dá origem à incapacidade de compreender os outros, avaliando o comportamento, a maneira de ser e de ver o mundo, as crenças, os valores dos outros em termos dos próprios. Teremos, então, um verdadeiro bloqueio da compreensão, um desprezo, uma agressividade que favorece a eclosão de guerras. Guerras que, infelizmente, tem acompanhado a história da humanidade desde os primórdios.

A posição etnocêntrica é freqüentemente exasperada, no mundo desenvolvido, pelo exagero de um sentimento nobre, o Patriotismo, quando manipulado por organizações extremistas e ditaduras. Foi talvez essa constatação que levou o escritor inglês do séc. XVIII, SAMUEL JOHNSON, a definir o patriotismo “o último refúgio dos infames”.

Etnocentrismo e patriotismo exacerbado alimentaram guerras, genocídios, fogueiras, terrorismo desde os primórdios da história. O conflito tem como base a crença na superioridade da própria identidade em termos de raça, nacionalidade, crenças religiosas, usos e costumes etc. Pode chegar ao extremo de negar aos outros a “humanidade” como aconteceu no encontro dos espanhóis com os ameríndios, quando os “conquistadores” se perguntaram se esses povos tinham alma. A negação repetiu-se nas décadas de 30 e 40 do século XX com os nazistas que consideraram subumanos judeus, ciganos, eslavos em nome da superioridade dos arianos. E foi particularmente violenta e desumana no auge do colonialismo e no apartheid implementado na África do Sul até a segunda metade do século XX. E infelizmente não acabou nos dias atuais, nos quais os preconceitos frente aos povos de cor ou às culturas tradicionais continuam bastante enraizados entre os povos “desenvolvidos”.

Na antropopoiese o indivíduo é construído de acordo com os padrões culturais do próprio grupo. Vai, então, adquirindo um tipo particular de humanidade que irá induzi-lo a perceber os outros como diferentes. E quanto mais elaborada for a construção tanto mais difícil será a percepção de que o homem pertence a uma única espécie, que as potencialidades da mente humana são as mesmas e que as diferenças de comportamento, visão do mundo, valores, etc são detalhes bastante superficiais e podem ser superadas, colocando em evidência as semelhanças que estão na base de toda e qualquer formulação cultural. A tais semelhanças dá-se o nome de Universais da Cultura, justamente porque presentes em cada uma delas. Os Universais podem resumir-se em três tipos de relações:

Relação Homem/Ambiente que comporta o conhecimento do ambiente físico-ecológico e a elaboração de técnicas para explorá-lo: tecnologia;

Relação Homem/Homem que comporta a organização social: família e parentesco, clã, tribo, estado e a maneira de agir e interagir relativa;

Relação Homem/Desconhecido: crenças, valores, ciência etc. e a maneira como as idéias relativas intervém na compreensão de si e do mundo.

Todas as culturas preenchem os três universais. As diferenças não são de essência, mas de forma. A espécie humana é única. As diferenças biológicas e culturais são detalhes superficiais. As falhas na percepção da própria humanidade e daquela dos outros são difíceis de ser corrigidas porque o grupo pode ter interesse no seu exagero, estabelecendo, assim, “graus” de humanidade compatíveis ou incompatíveis com a sua própria.

A Antropopoiese apresenta falhas cuja correção no seio dos grupos que compõem a espécie ainda está longe de ser alcançada. Dessa correção, depende a harmonia da convivência, harmonia que é fundamental para a sobrevivência do *homo sapiens*.

Abstract: Man is born biologically and socially uncompleted. Then it is necessary to build him up by means of the Antropopoiesis. This construction is slow and liable to flaws particularly when certain biological and cultural aspects peculiar to a group are exaggerated and to another group the same aspects are condemned or derided. This fact drives to a cultural distortion known as Ethnocentrism, which is the premise for the misunderstanding and hostility among the groups. Hence the occurrence of wars and so many other social disagreements along the path of history. The mankind is unique. The differences among the human groups both biologically and socially are mere details. Therefore in the building up of man it is necessary to emphasize what is common to the groups in their relation with the physical environment, with other men and with the unknown. From this emphasis, the comprehension comes forth and the aggressiveness factors are eliminated.

Key Words: antropopoiesis; antropopoietical trends; ethnocentrism; universals of culture.

BIBLIOGRAFIA

FABIETTI, U. MALIGHETTI, R. MATERA, V. *Dal Tribale al Globale*. Milano: Bruno Mondadori, 2000.

FREUD, S. *Il Disagio della Civiltá e altri Saggi*. Torino: Bompiani, 1971.

KLUCKHOHN, C. *Antropologia, um espelho para o homem*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.

REMOTTI, F. *Prima Lezione di Antropologia*. Roma: Laterza, 2000.

Van GENNEP. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

